

**ENTRE PRÓSPERO MORREU E LOS REYES:
JANELAS DE TEMPO E MUITO AZUL**

Joana Espain¹ (Universidade do Porto)

Mudou o mito: já não herói Teseu, mas é o Minotauro igual à sua amada.

Próspero morreu
Ana Luísa Amaral

Llegaré a Ariana antes que tú. Estaré entre ella y tu deseo.
Alzado como una luna roja iré en la proa de tu nave.

Los Reyes
Julio Cortázar

Em *Próspero morreu*, de Ana Luísa Amaral (2011), um conjunto de vozes, atadas a diferentes fios literários, naufraga numa ilha onde sopra um vento fino e se abrem janelas de tempo e muito azul, para velar a morte de Próspero, o Duque de Milão da *A Tempestade*, de Shakespeare. A questão levantada é a da relação entre Amor e Poder. Para içar tais arquétipos à discussão são intrincadamente convocadas gentes e deuses de diferentes obras literárias ocidentais e dos seus mitos. Mal naufragadas por magias de novas matérias escapam d'*A Tempestade* de Shakespeare, d'*Os Lusíadas* de Luís de Camões ou da *Odisseia*, de Homero, para serem acolhidas na casa mítica do Minotauro. Dentro da mesma casa, Julio Cortázar reconstruíra já semelhante relação entre Amor e Poder em 1949, aquando da reavistagem do mito clássico do Minotauro em *Los Reyes* (Cortázar, 1949). Há um fio suficientemente sólido que liga o texto do Cortázar ao de Ana Luísa Amaral, escrito cerca de sessenta anos depois. Dada a sua caracterização e contexto, seria interessante conjecturar que algumas das personagens que enfrentavam o Minotauro em *Los Reyes* se voltam a reunir agora no funeral de Próspero. Talvez nem todas com o mesmo nome ou vindas do mesmo mito, mas ligadas todas por um fio de tempo que quase poderia adivinhar uma continuação de *Los Reyes* em *Próspero morreu*. Refiro-me a uma passagem da anúncia da futura justiça ao mito, no final do texto de Cortázar, a um encontro

de magias feito onde esta justiça é alcançada e se assiste à vitória da capacidade transformadora do Amor. Poder-se-ia perguntar se o Minotauro de *Los Reyes* teria atravessado uma janela de tempo azul e ressuscitado no funeral do Próspero, para assistir à queda do Poder, disfarçado de Caliban?

Em "People and Gods from Various Parts" (Homem, 2011), a propósito do que classifica como pós-escritas d'*A Tempestade* de Shakespeare, entre as quais se encontra *Próspero morreu* de Ana Luísa Amaral, refere Rui Carvalho Homem como W. H. Auden (1962) visualiza Próspero: alguém que devemos admirar mas de quem não é possível gostarmos. Em *A Tempestade*, Próspero aparece como a figura reparadora de uma ordem de justiça que lhe cabe a si e a sua filha Miranda no ducado de Milão. Para alcançar esta justiça é-lhe entretanto necessário colonizar outras personagens. Os Outros, os colonizáveis, são o estranho e o que o ultrapassa: Ariel, um espírito ainda mais universal que estrangeiro, cujo aprisionamento a uma árvore da ilha não lhe desperta qualquer compaixão, e Caliban, o filho da bruxa Sycorax, imediatamente remetido à ideia do estranho colonizável. Boaventura Sousa Santos relaciona a dependência mútua entre Caliban e Próspero à essência do processo de colonização, bem como a necessidade que um tem do outro para a construção da sua própria identidade (Santos, 2002). No processo de colonização e mais ainda no de pós-colonização, colonizado e colonizador contribuem em espelho para a manutenção da relação de poder. A desconstrução deste processo é também o objectivo das múltiplas revisitações ao mito clássico do Minotauro que ocorrem do início do século XX. À luz do surrealismo e da psicanálise, a discussão é a da identidade do outro, da diferença subjacente ao interior de cada ser humano e da sua colonização em diferentes formas.

É também este um dos mais importantes fios que atravessa *Próspero morreu* de Ana Luísa Amaral. A relação colonizado/colonizador é cuidadosamente revista através de um vasto conjunto de ligações entre as personagens, na relação entre Penélope e Ariadne, ou entre Ariadne, Teseu e Caliban, ecoando em Luís de Camões e nas suas *Endechas* a Bárbara escrava, mas fundamentalmente levantando em pano de fundo a morte do colonizador. Tal como se prolonga o espírito pós-colonial numa sociedade, também Próspero prolonga aqui a sua magia de invocação das diferentes vozes após a sua morte, apesar da indignação de algumas personagens resilientes como a de Penélope: "Pois Próspero está morto / e nós aqui viemos velar junto do poder" (AMARAL, 2011, p. 31). Para o palco, o mito do Minotauro, para

actores, Teseu, Caliban/Minotauro e Ariadne e para o tema, a relação entre Amor e Poder e colonizado e colonizador.

Note-se que em *Los Reyes* acompanhamos o drama do colonizado que morre por amor a Ariadne, anunciando que o amor vencerá o mito futuramente, e que chegará a ela antes que Teseu: "Llegaré a Ariana antes que tú. Estaré entre ella e tu deseo" (CORTÁZAR, 1970, p. 68). Em *Próspero morreu* quem morre é o colonizador e, justamente com o sacrifício de Ariadne, o amor vence o mito pela sua capacidade transformadora: "Não criará [Teseu] raízes pelo mito / mas, mortal / irá chorá-la [Ariadne] até ao fim da vida [...] / Só o fio ficará para a memória e recordação" (AMARAL, 2011, p. 33). E o Minotauro é aqui um Caliban transformado pelo amor, que não só fala, como ainda, com a ajuda de Luís de Camões, aprende uma nova linguagem, diferente da ensinada por Próspero n'A *Tempestade*, já não servil à vingança, mas antes próxima à do Poeta, sugerida por Cortázar – a linguagem do Amor.

Para que se não navegue sem mapa aproximemo-nos um pouco mais da peça *Los Reyes*, de Cortázar, escrita sessenta anos antes de *Próspero Morreu*. Segundo Antonella de Laurentiis (2009), Cortázar terá dito em entrevista televisiva que o texto *Los Reyes* lhe apareceu integralmente como uma só imagem, a do Poeta que é excluído e aprisionado pelo Poder. As transformações fundamentais que o mito clássico sofre em *Los Reyes* relacionam-se com as interações entre as diferentes personagens. Ariadne não ama Teseu, mas o irmão Minotauro. Teseu é um herói ridicularizado, de reduzida visão, restaurador de uma ordem essencialmente egocêntrica através da utilização da violência. Minos é escravizado pelo símbolo do seu próprio poder – o Minotauro – e pela subsistência de um mito que quer ambiciosamente alastrar além fronteiras. Dois reinos e seus povos encontram-se submetidos ao aprisionamento de um ser estranho dentro de um labirinto que não apresenta qualquer possibilidade de saída, segundo a descrição de Minos, mas que na verdade é um Poeta que não apresenta qualquer possibilidade de entrada na mais labiríntica realidade externa.

Ariadne apresenta-se em *Los Reyes* como personagem central. O amor que nutre pelo irmão (recuperando a questão mitológica do incesto) é explicitado no monólogo (CORTÁZAR, 1970, p. 49) em que Ariadne explica que entrega o fio a Teseu para que o irmão possa regressar. Este engano do fio, que o Minotauro interpreta como traição de Ariadne, define a morte do Minotauro e do Poeta, que aceita ser morto por Amor e pelo medo de ser visto lá fora como o estranho, o outro, submetido ao labirinto maior em que mergulha um Poeta na

realidade. Curva assim a cabeça à morte e ao mito na crença de que a verdade existe subjacente à realidade e que será reposta por outros caminhos futuros, onde o amor e o reconhecimento de Ariadne serão eternos. O relato de Ariadne em *Próspero morreu*, do seu primeiro encontro com Caliban na floresta, parece quase dialogar com esta curvatura: "curvado e sem curvar-se me pareceu / (se assim se pode ser)". Concomitantemente o monólogo de Ariadne em *Los Reyes*, a linguagem do Amor ("Cede lugar a mi secreto amor! [...] Desnudo y rojo, vestido de sangre, emerge y vien a mí" [p.79]), o seu olhar lírico e confessional ("Rey, así [con los sueños] miram los dioses y los heroes" [p. 19]), caracterizam também uma Ariadne activa, central na acção do mito, tal como o é em *Prospero morreu*.

A peça de Ana Luisa Amaral abre em ar de Inverno, organizadas as personagens em torno do caixão de Próspero, figura que, à semelhança de Minos em Cortázar, representa o Poder e a manipulação de todos em seu nome. É Ariel, um espírito sem sexo nem género, "meio ela, meio ele / ser de sangue e de pele e, todavia / nem de sangue nem de pele" (Amaral, 2011, p. 316), um ser diferente, mas suficientemente diferente para não ser colonizável, ao contrário do que acontece n'A *Tempestade* de Shakespeare, um ser que ascende aqui ao papel de narrador onisciente. Por janelas azuis chega Caliban, um minotauro disfarçado, escondido, atrás de Luís de Camões e do Amor. Em diálogo com Penélope, Ariadne aparece trazendo consigo as cinco jardas de fio. Este fio é também o da história, assumindo-se imediatamente como o centro da mesma, tal como em Cortázar e em oposição à passividade do lugar da mulher na história do mito. Em resposta ao lugar de um género para que a empurra Minos em *Los Reyes* ("Las madres no cuentan [CORTÁZAR, 1970, p. 14] ou "Una mujer no sabe mirar" [p. 19]), Ariadne transportando o fio do novelo que Teseu havia denominado em *Los Reyes* "[c]osa de mujer" (p. 50), começa por dirigir-se a Penélope e à sua experiência de outros fios e outros tempos, para lhe anunciar algo de novo, o corte do fio. Deixou de esperar e tratou de alterar mitos e destinos com menos cinco jardas de fio. Simbolicamente um corte que é também com a espera da mulher no mito ocidental. Rui Carvalho Homem refere variadas vezes no seu ensaio "People and Gods from Various Parts" as diferentes iluminações de género que o texto reflecte, "The project to counter a patriarchal canon and retell some of the West's fundamental literary myths on the basis of a female lineage therefore becomes intertwined in Amaral's verse play" (HOMEM, 2011, p. 16).

A caracterização do Minotauro em Cortázar é efectivamente em quase tudo semelhante à de Caliban em Ana Luísa Amaral. Caliban transporta d'*A Tempestade* a ideia de uma figura rasteira, em oposição à ascensão espiritual de Ariel, como refere F. H. Smith (1916), "the character precisely opposed to the airy sprite Ariel is Caliban" (p. 42). Uma personagem sobre a qual se instala a dúvida, se é monstruosa ou não, se a falta da sabedoria dos livros de Próspero, ou da *linguagem* que só utiliza para amaldiçoar ("Language was taught him but he uses it only to curse" [idem, p. 56]), faz dele um ser moral, imoral ou amoral: "is Caliban, not indeed in a hideous and repulsive form, but in soul, in aspiration, in mental equipment, in the loss of the finer and ultimate energies of life?" (idem, p. 58).

Cortázar atribui a Caliban a linguagem do Amor lírico em oposição a Teseu ("Infinitas estrellas parecen alentar en su movimiento, naciendo y dispersándose en la granada temblosa - Así quiero acceder al sueño de los hombres, su cielo secreto y sus estrellas remotas, esas que se invocan cuando el alba y el destino están en juego" [CORTÁZAR, 1970, p. 75]), mas atribui-lhe também a dúvida que o poeta transporta e que Ariadne reconhece: "Oh hermano solo, monstruo capaz de excederme hasta en la ausencia, de revestir con miedo mi primeira ternura!" (idem, p. 21). Este poderia ser exactamente o Caliban que chega a Ariadne na floresta em *Próspero morreu*: "mais vil do que servil /ou não?" (AMARAL, 2011, p. 15). A linguagem lírica do Amor é a mesma e também Caliban é o Poeta, com Luís de Camões, no seu diálogo com a escrava Bárbara, em paralelo com o diálogo de Ariadne e Caliban, a fazer essa transposição. Que melhor forma de chamar Poeta a Caliban que comparando-o a Camões? Tal como o minotauro de Cortázar, é ainda Caliban incapaz da violência e renuncia à imagem e ao mito em nome da verdade que existe no Amor. Verdade que aparece como prenúncio em *Los Reyes*, mas que chega à tangência do encontro dos dois amantes em *Próspero morreu*.

Teseu chega ao funeral de Próspero por uma outra qualquer janela azul, com a mesma cobardia com que sai do labirinto de Cortázar. E de uma forma idêntica o vê Ariadne. O mesmo orgulho na espada que corta a cabeça ao Minotauro em *Los Reyes*, apesar da sua advertência ("Ni siquiera tu espada me está justamente destinada. Deberías golpear una formula, un ensalmo: con otra fábula." [CORTÁZAR, 1970, p. 26]) é transportado para o Caliban de *Próspero Morreu*, que oferece em troca do amor de Ariadne "alguns lenços manchados de alegria e sangue / túnica que roubei a inimigo / ainda este punhal que encontrei pelo chão / perdido entre gravetos e folhas mal enxutas" (AMARAL,

2011. p. 39), apesar da advertência de Ariadne, “Mas para quê punhal, o escudo, a espada / se basta o bastidor / para bordar a fábula mais bela?” (Idem, p. 40). E é importante e misterioso o punhal em *Próspero morreu*, que aparece entre as folhas perdido, e que vem no final a ser a arma punhalcom que Teseu mata Ariadne e liberta o Amor. Teria sido esquecido por quem este punhal entre folhas? Talvez numa floresta ou num labirinto, talvez por um Minotauro? Este seria um curioso diálogo com a promessa que faz o Minotauro a Teseu e aos Citaristas, no final de *Los Reyes*, de que a verdade vencerá o mito, talvez agora com ajuda de “una pequeña daga”?

Sem que da peça explicitamente faça parte, o Minotauro é todavia referido explicitamente em *Próspero morreu*, “Mudou o mito: já não herói Teseu / mas o Minotauro / igual à sua amada [...] De quê uma coragem a iluminar séculos?”(AMARAL, 2011, p. 33). Seria interessante seguir as pegadas deste Minotauro ao longo dos textos da obra poética de Ana Luísa Amaral. Este é um Minotauro a quem Ariadne já piscara o olho no poema “Em Creta com o Dinossauro” (1995), que espreitara por “Primeiro Labirinto” e “Segundo Labirinto” (2000) e, em muitos outros labirintos onde a palavra “fio” é dominante e muitos fios de diferentes mitos se cruzam já. Talvez seja o labirinto, onde mais marcadamente diferentes personagens se cruzam, o livro de Ana Luísa Amaral intitulado *A Génese do Amor* (2005).

Em *Próspero morreu* o Minotauro pôde finalmente assistir à Génese do Amor através de “uma janela de tempo e muito azul / de um escuro azul igual a energia” (AMARAL, 2011, p. 4).

Referências

AMARAL, Ana Luísa. *A génese do amor*. Porto: Campo das Letras, 2005.

_____. *E muitos os caminhos*. Porto: Poetas de Letras, 1995.

_____. *Imagens*. Porto: Campo das Letras, 2000.

_____. *Inversos*. Alfragide: D. Quixote, 2010.

_____. *Próspero morreu*. Alfragide: Caminho, 2011.

AUDEN, W. H. *The Dyer's Hand and Other Essays*. London: Faber & Faber, 1962.

